PRINCESAS DISNEY E CINEMA: REPRESENTAÇÕES DO GÊNERO FEMININO

*DISNEY PRINCES AND CINEMA:
REPRESENTATIONS OF THE FEMALE GENDER*

*DISNEY PRINCES AND CINEMA:
REPRESENTACIONES OF THE FEMALE GENDER*

VERÔNICA CAROLINE DE MATOS FERREIRA¹

JOSIANE PERES GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS),
Mato Grosso do Sul/MS – Brasil.

²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS),
Mato Grosso do Sul/MS – Brasil.

RESUMO Os filmes dos Estúdios Disney sobre princesas exercem influência no processo de construção e reprodução de estereótipos relacionados aos gêneros, principalmente feminino. Com base nesse pressuposto, a pesquisa busca identificar as representações de gênero retratadas pelas princesas de duas versões dos filmes Cinderela e a Bela e a Fera, destacando a opinião de algumas adolescentes sobre as narrativas e protagonistas femininas. O aporte teórico baseia-se em estudos relacionados ao cinema e sua influência, a construção social do gênero feminino e as analogias das representações predominantes nas versões dos filmes Cinderela de 1950 com a de 2015 e A Bela e a Fera de 1991 com a versão de 2017. A pesquisa de campo foi realizada com cinco adolescentes do gênero feminino, com idades entre 13 e 15 anos de idade, por meio de questionários e roda de conversa, após assistir as duas últimas versões dos filmes mencionados. Os resultados apontam que há um avanço em relação à representação feminina, contudo ainda se reforça os estereótipos relativos à juventude, magreza, beleza, bondade, entre outros, os quais exercem influência na formação das novas gerações, como é o caso das cinco adolescentes que sonham com o príncipe e se identificam com as princesas da Disney.

PALAVRAS-CHAVE: PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS. PRINCESAS DISNEY. GÊNERO FEMININO.

ABSTRACT Disney Studios films on princesses exert an influence on the process of constructing and reproducing stereotypes related to the genres, mainly female. Based on this assumption, the research seeks to identify the representations of genres portrayed by the princesses of two versions of the films Cinderella and Bela and the Beast, highlighting the opinion of some adolescents on the narratives and female protagonists. The theoretical contribution is based on studies related to the cinema and its influence, the social construction of the feminine gender and the analogies of the predominant representations in the versions of the films Cinderella of 1950 with the one of 2015 and the Beauty and the Beast of 1991 with the version of 2017. The field research was carried out with five adolescents of the female gender, aged 13 to 15 years old, through questionnaires and conversation, after watching the last two versions of the mentioned films. The results point out that there is an advance in relation to female representation, yet the stereotypes related to youth, thinness, beauty, goodness, among others, are reinforced, which influence the formation of the new generations, as is the case of the five adolescents who dream about the prince and identify with the Disney princesses.

KEYWORDS: CINEMATOGRAPHIC PRODUCTIONS. DISNEY PRINCESS. FEMININE GENDER.

RESUMEN Las películas de los Estudios Disney sobre princesas ejercen influencia en el proceso de construcción y reproducción de estereotipos relacionados a los géneros, principalmente femeninas. Con base en ese presupuesto, la investigación busca identificar las representaciones de género retratadas por las princesas de dos versiones de las películas Cenicienta y la Bella y la Bestia, destacando la opinión de algunas adolescentes sobre las narrativas y protagonistas femeninas. El aporte teórico se basa en estudios relacionados con el cine y su influencia, la construcción social del género femenino y las analogías de las representaciones predominantes en las versiones de las películas Cenicienta de 1950 con la de 2015 y La Bella y la Bestia de 1991 con la versión de La encuesta de campo fue realizada con cinco adolescentes del género femenino, con edades entre 13 y 15 años de edad, por medio de cuestionarios y rueda de conversación, después de asistir a las dos últimas versiones de las películas mencionadas. Los resultados apuntan que hay un avance en relación a la representación femenina, pero todavía se refuerza los estereotipos relativos a la juventud, delgadez, belleza, bondad, entre otros, los cuales ejercen influencia en la formación de las nuevas generaciones, como es el caso de las cinco adolescentes que, sueña con el príncipe y se identifican con las princesas de Disney.

PALABRAS CLAVE: PRODUCCIONES CINEMATográfICAS. PRINCESAS DISNEY. GÉNERO FEMENINO.

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo em constantes transformações, o cinema evolui com novas produções, mas também faz releituras e adaptações cinematográficas de obras de ficção que já foram consideradas ultrapassadas para a sociedade do século XXI. No caso do mundialmente famoso estúdio Walt Disney, observa-se que tem inovado em suas criações, mediante o ad-

vento das novas tecnologias, buscando resgatar algumas produções que fizeram sucesso em anos anteriores em forma de animações, mas que foram adaptadas para a versão *live-action*¹.

Assim, surgiu o interesse em analisar duas obras cinematográficas dos Estúdios Disney, que no Século XX foram apresentadas em forma de animação e no Século XXI foram apresentadas na versão em *live-action*. Trata-se dos filmes Cinderela (1950 e 2015) e A Bela e a Fera (1991 e 2017), que fizeram enorme sucesso e influenciaram no processo de formação das novas gerações, principalmente do gênero feminino, visto que muitas meninas passaram a ter as princesas Disney como referência e a sonhar com o “príncipe encantado”.

Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é identificar as representações de gênero retratadas pelas princesas das duas versões dos filmes Cinderela e a Bela e a Fera, destacando a opinião de cinco adolescentes, de 13 a 15 anos de idade, sobre as narrativas e protagonistas femininas.

O estudo encontra-se assim organizado: primeiramente apresenta-se a abordagem teórica sobre os Estúdios Disney, as duas versões dos filmes Cinderela e A Bela e a Fera, o gênero feminino, para em seguida apresentar a metodologia e os resultados da pesquisa de campo realizada com as cinco adolescentes do gênero feminino.

O ESTÚDIO WALT DISNEY: A GIGANTE EM PROPORCIONAR SONHOS

O estúdio Walt Disney começou com o sonho de um garoto chamado Walt Elias Disney, que por muito tempo acreditou nessa possibilidade e posteriormente conseguiu realizá-lo. Assim, a Disney não inspira apenas magia em suas produções cinematográficas, visto que produz a convicção de que os sonhos podem se tornar realidade, podendo ser levados para casa ou adquiridos por meio de produtos inspirados em seus personagens.

Com o passar do tempo, o então estúdio Disney se multiplicou e, na atualidade, encontram-se espalhados em vários países, os parques temáticos que viabilizam entretenimento e divertimento a jovens, crianças e adultos, arrecadando milhões de dólares.

[...] a realidade de um poderoso império econômico e político que em 1994 arrecadou US\$ 667,7 milhões com filmes, US\$ 330 milhões com diversos produtos associados aos filmes e personagens, e US\$ 528,6 milhões com seus parques e locais de diversão [...] Mas a Disney é mais que um gigante capitalista, é também uma instituição cultural que luta ferozmente para proteger seu status mítico como provedora de inocência e virtude moral americana (GIROUX, 2001, p. 53).

Sob essa visão, os estúdios Walt Disney, como aponta Giroux (2001), proporcionam tanto ao seu público alvo (infanto-juvenil), quanto à família em si, momentos de entretenimento, seja em frente à televisão ou em seus parques temáticos, tratando-se de uma perspectiva de instituição cultural que procura manter a inocência. Por outro lado, a Disney é uma gigante capitalista que proporciona, além dos sonhos e virtude, uma fábrica preo-

¹ O termo se refere aos atores humanos que interpretam adaptações já realizadas em forma de animações.

cupada com o lucro, instigando o público infanto-juvenil a visitar seus parques e adquirir seus produtos por meio dos filmes realizados, associados com seus personagens favoritos.

Os parques temáticos do estúdio Walt Disney proporcionam aos seus visitantes, tanto crianças como adultos ou idosos, um mundo onde, segundo Ashton (1999), é possível se deparar com condições muito convenientes, pois nesses espaços o visitante pode comer, comprar lembrancinhas de viagem, entrar nas tendas temáticas em que outrora foi possível ver em filmes ou ouvi-las nos contos, levar consigo parte do mundo imaginário em formas de fotografias e lembranças para o mundo real. Desse modo, o que realmente caracteriza um parque temático é o mundo real sendo capaz de capturar o mundo imaginário e transformá-lo em uma utopia da realidade. Vale notar que tanto o estúdio cinematográfico quanto o parque temático Walt Disney têm os mesmos propósitos.

Dessa forma, conforme Baudrillard (1997), os parques temáticos, assim como o estúdio Walt Disney, fazem com que o mundo inconsciente das pessoas ultrapasse a imaginação, ao se tornar um sonho concreto que parece se realizar. Esse sonho torna-se um espetáculo na vida real, um parque que diverte crianças e adultos. Após a modificação desses sonhos em grandes espetáculos, o aparecimento de sensações, devido aos objetos representados em dimensão real, chega ao ápice da imaginação em sua forma simples que é apresentada ao público que adentra a um mundo totalmente diferente do qual se encontra em sua realidade.

A GÊNESE FÍLMICA DE “CINDERELA”, “A BELA E A FERA” E A HISTÓRIA DA DISNEY

Ao se falar em contos de fadas, é comum as pessoas não pensar na temporalidade exata, porque essas histórias surgiram quando ainda eram transmitidas oralmente de geração em geração. Na atualidade, existem diversas adaptações cinematográficas, livros que são baseados nos contos de fada, por vezes mantendo sua essência original intacta ou mudando sutilmente o que foi escrito há muito tempo para a realidade do mundo contemporâneo. Sendo assim, neste estudo são analisados os filmes Cinderela (1950) e A Bela e a Fera (1991), produzidos pelo estúdio Walt Disney, estabelecendo relações com suas recentes adaptações em *live-action* Cinderela (2015) e A Bela e a Fera (2017).

É importante destacar que existem três versões para o clássico filme Cinderela dos estúdios Walt Disney. A primeira é o original da “Cinderela” (1950), a qual obteve duas sequências lançadas em DVD, Cinderela 2 - Os Sonhos se Realizam (2002) e Cinderela III - Uma Volta no Tempo (2007). Em março de 2015 foi lançada a versão em *live-action*, com Lilly James no papel da protagonista que resultou em grande sucesso. Para Cotrim (2015, p. 6), o filme é o “[...] mais bem sucedido da história da Disney, tendo por isso, sido relançado diversas vezes”, produzido tanto pelo referido estúdio, quanto por outros estúdios cinematográficos. A adaptação dessa versão foi baseada no conto de Charles Perrault² e tornou-se fundamental para a continuidade dos Estúdios Disney, em um período de grandes problemas financeiros, na década de 1950.

² Os contos existiam na tradição oral e Charles Perrault fez o registro, ou seja, compilou e transformou em histórias escritas (SOUZA, 2015; BUNN, 2016; BAPTISTA, 2017).

Cabe salientar que, conforme Delallo (2008) e Carettin (2013), o estúdio Disney foi fundado por Walt Elias Disney em 1923, juntamente ao seu irmão Ray e um amigo Ub Iwerks. Inicialmente foi produzida uma série de curtas metragens chamada de “Alice Comédias”. Após essas curtas, a indústria Walt Disney passou por problemas financeiros, mas que não chegaram a abalar o estúdio. Em 1937, o primeiro filme de animação produzido foi Branca de Neve e os Sete Anões, marcando o começo de um guia de longa metragem de animações voltado ao público infantil.

Na década de 1950, a indústria Walt Disney estava devendo milhões de dólares e não sabia o que fazer para sanar as dívidas. Restavam apenas duas alternativas: ou vendiam o estúdio ou lançavam algum filme de longa metragem que possibilitasse a sua permanência. Desse modo, Walt Disney decidiu apostar em um filme que fosse parecido com o primeiro longa metragem de animação que outrora dera certo, pois acreditava que poderia funcionar novamente. Surgiu então a história de “Cinderela” que foi inspirada em “Branca de Neve”. Para Delallo (2008, p. 10), “Walt Disney analisando a situação percebeu que precisaria de uma história de uma mocinha com problemas, esse tema dera certo em Branca de Neve e certamente daria novamente. Resolveram arriscar tudo em Cinderela”.

Portanto, os motivos pelos quais o estúdio Walt Disney começou a produzir histórias, não se deve somente à preocupação com o público infantil, mas principalmente devido ao sucesso obtido pelo primeiro longa-metragem e a esperança de que o segundo filme pudesse salvar seu estúdio dos graves problemas financeiros. Delallo (2008, p. 10) salienta que “[...] o filme rendeu milhões de dólares para os Estúdios só com a exibição, conseguindo assim salvá-lo da falência”.

Os estúdios Disney lançaram muitos outros filmes após o sucesso de “Cinderela” (1950), contudo o filme intitulado A Bela e a Fera (1991) conseguiu fazer o que nenhum filme longa-metragem de animação nessa época tinha realizado. Foi à primeira animação da história a concorrer ao Oscar de Melhor Filme, quando na época só havia cinco indicados (CAMPOS; LOSANO, 2015), levando as estatuetas por Melhor Canção Original e Melhor Trilha Sonora pela música “*Beauty and the Beast*” (FEIX, 2017). De acordo com a roteirista da Disney, Linda Woolverton, o filme foi à terceira tentativa de adaptação, já havendo outros experimentos que datam de 1930 e 1950. Entretanto, os projetos não foram levados adiante até a versão final de 1991 (FEIX, 2017). É importante destacar que em 1989, o filme A Pequena Sereia apresentou diversas músicas em seu enredo e estimulou a volta dos musicais nas produções cinematográficas, exercendo grandes influências para que fosse lançado a Bela e a Fera dois anos depois.

Em março de 2017 estreou a versão *live-action* de A Bela e a Fera contando com a presença de Emma Watson como protagonista. Há diferentes versões deste conto realizado por meio de filmes de diversos estúdios e séries, contudo, para o presente estudo delimita-se apenas para as adaptações do estúdio Disney. Todavia, a história conta com uma continuação lançada em 1997, intitulada como “A Bela e a Fera - O Natal Encantado”. Conforme

³ Música tem o mesmo título do filme “A Bela e a Fera”, foi composta e produzida por Howard Ashman e Alan Menken com letras de Alan Menken, sendo cantada nos créditos finais por Céline Dion e Peabo Bryson. Em 2017 as vozes de Ariana Grande e John Legend interpretaram esta a mesma música para a versão em *live-action*.

Campos e Losano (2015), a Bela e a Fera foi originalmente representado como “La Belle et la Bête” publicado por Gabrielle - Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve em 1740. Porém versão mais conhecida foi o conto publicado em 1756 por Madame Jeanne-Marie LePrince de Beaumont. Nesse sentido, Aguiar e Barros (2015) destacam que o pensamento de uma época influencia no processo de formação da identidade e na constituição de personagens em seu período e contexto cultural.

A REPRESENTAÇÃO DE CINDERELA NAS VERSÕES DE 1950 E 2015

O filme A Cinderela de 1950 conta a história de uma jovem que, após a morte de seu pai, fica aos cuidados de sua madrasta, sendo a órfã a única responsável pelos afazeres domésticos, enquanto suas meias-irmãs desfrutam de uma vida confortável. Esta situação permanece sem grandes reclamações por parte da Cinderela, até o dia em que desejou ir a um baile oferecido pelo rei e foi impedida por sua madrasta e as meias-irmãs. No decorrer da trama, aparece uma fada madrinha que, ao fazer uma mágica, possibilita que Cinderela vá escondida ao baile. Lá ela conhece o príncipe, o casal se apaixona, se casa e a nova princesa passa a morar no castelo (MONTEIRO; ZANELLO, 2014).

Na adaptação realizada pela Disney em 2015, há pequenas mudanças no decorrer da história, que não a diferencia tanto do original, visto que segue a mesma linha de raciocínio, havendo apenas acréscimos de falas, mudanças de cenários e novas apresentações dos personagens envolvidos. Segundo Leite (2016), a alteração presente na adaptação acontece com o propósito de adequar o texto de acordo com os receptores que deverão assistir ao filme. Dessa maneira, na versão de 2015, há um pequeno destaque para Lady Tremaine, a Madrasta de Cinderela, que expõe sobre as razões pelas quais não gosta da enteada, que despertou interesse no príncipe.

Assim, Lady Treimane explica que, em sua juventude, seu primeiro casamento foi por amor, mas aconteceu o falecimento do esposo. Por este motivo, foi forçada a se casar pelo bem de suas filhas. Entretanto, novamente ocorreu o falecimento de seu marido e ela foi obrigada a conviver com sua enteada. A madrasta de Cinderela esclarece também que esperava casar alguma de suas lindas, porém estúpidas, filhas com o príncipe, mas ele foi atraído pela garota do sapatinho de cristal e, dessa forma, a madrasta acabou por viver “infeliz para sempre” (CINDERELA, 2015, 56min19s a 57min20s).

Ao prosseguir a cena, a Madrasta e Cinderela continuam comentando sobre o fato de o príncipe descobrir quem de fato estava usando o sapatinho de cristal no baile, e então a jovem questiona a madrasta:

Cinderela: Por que você é assim tão cruel? Eu não consigo entender. Eu tentei ser gentil com você.

Madrasta: Você, gentil comigo?

Cinderela: É, e acho que ninguém merece ser tratada como você me trata. Por que você faz isso?... Por quê?!

Madrasta: Por quê?! Porque você é jovem é inocente e é boa e eu... (CINDERELA, 2015, 58min47s à 59min21s).

As descrições do filme apresentam uma Cinderela diferente da versão anterior, por enfrentar a sua madrasta e ser capaz, mesmo que seja no final da trama, de se libertar para então viver “felizes para sempre”. Para Leite (2016), a alteração ocorreu para se adequar ao público ao qual seria destinado, mas ainda assim a protagonista mantém a promessa que fez à sua mãe de “ter coragem e ser gentil”, e realmente continuou agindo dessa forma mesmo quando a madrasta e suas meias-irmãs a ofendiam (CINDERELA, 2015, 4min46s a 4min54s).

Na sequência, em contraposição ao filme original de 1950, em que o rei oferece o baile para que o príncipe pudesse encontrar seu verdadeiro amor, assim como outrora o próprio rei encontrara sua mulher, na versão de 2015, o rei quer arranjar um casamento para seu filho, o príncipe Eric, porque o casamento traria vantagens para o reino. Porém, no leito de sua morte o pai diz ao seu filho para se casar por amor com a garota a qual todos estavam chamando de a “[...] esquecida que acabou perdendo o sapatinho de cristal” (CINDERELA, 2015, 01h04min50s à 01h05min05s). Nota-se que a nova adaptação evidenciou como eram os casamentos de antigamente, casava-se por vantagens obtidas, pois o casamento era assunto do Estado e não por escolha amorosa (NETO, 2015).

Na versão *live-action*, o príncipe Eric conhece a jovem Ella durante a caçada real ao cervo, diferente do filme original de 1950 em que eles se encontram apenas no baile oferecido pelo rei. Esta versão apresentada pelos Estúdios Disney no século XXI não se modificou muito da versão original. A essência permanece, assim como o enredo, a história se entrelaça de forma a conectar o desfecho como no conhecido filme original de 1950. O objetivo da adaptação é alcançar um público alvo maior e diferenciado, contando com pessoas reais para a interpretação dos personagens, passagens de tempo e o acréscimo de cenas, para que o telespectador se aproxime mais do filme (CABELLO, 2004).

A protagonista Ella, interpretada pela atriz Lily James, permanece com coragem e gentileza, assim como no original. Mas seu padrão de representação feminina retratado no filme mantém a beleza americana, pois é o país de origem do estúdio Disney, produtor das adaptações (LEITE, 2016). Seguindo este prisma, Hirano (2015, p. 151) aponta que “Os estúdios não apenas selecionavam o padrão corporal almejado, mas fabricariam esses corpos”.

Na entrevista concedida pela atriz Lily James ao jornal eletrônico *Washington Post*⁴ escrito por Yahr (2014), é narrado como a atriz conseguiu o papel principal do filme. Morena natural, começou sua carreira no drama “*Downton Abbey*” após a mudança de coloração do cabelo para o loiro. Lily James foi fazer a audição para ser uma das irmãs de Cinderela, contudo o diretor notou sua coloração do cabelo e sugeriu que ela lesse para o papel de Cinderela e foi então selecionada (YARH, 2014). É possível perceber na versão *live-action* que Cinderela (2015) tem uma cintura minúscula, o que gerou polêmicas a respeito de modificações digitais em sua cintura na pós-produção. Em outra entrevista disponibilizada pela atriz Lily James ao site *Washington Post*, escrito por Yahr (2015), evidencia-se que a atriz já tinha uma cintura pequena naturalmente, mas ainda teve que usar um espartilho tão apertado, além de fazer a dieta da sopa.

⁴ O jornal diário estadunidense The Washington Post é mais conhecido como Washington Post ou Post.

Diante desses fatos, torna-se evidente que os estúdios Disney não apenas selecionam pessoas para suas adaptações, mas também fabricam corpos e modelos a serem seguidos, contribuindo para a efetivação dos estereótipos de beleza feminina, como ser magra, bela, jovem, entre outros aspectos.

A REPRESENTAÇÃO DE BELA NAS VERSÕES DE “A BELA E A FERA” 1991 E 2017

O filme *A Bela e a Fera* de 1991 apresenta a personagem Bela, filha do inventor Morris, que é visto como louco pela aldeia onde moram. Ele decide expor sua invenção na feira, mas se perde do caminho e torna-se prisioneiro em um castelo onde a Fera habita. Bela, depois de ter a notícia que seu pai havia sumido, vai até ao castelo e se oferece como prisioneira em lugar de seu pai, conhecendo assim a Fera, príncipe que foi enfeitiçado por ter um coração egoísta e ver apenas a aparência exterior. A convivência entre eles faz com que se apaixonassem, levando ao enfrentamento de Fera e Gastão, personagem apaixonado por Bela, devido sua bonita aparência. Após o confronto, Gastão falece e a Fera sai ferida, somente o amor de Bela permite que a Fera volte a ter sua aparência humana de príncipe. Então eles se casam, pois o feitiço havia sido quebrado.

A versão cinematográfica de 2017 segue a mesma linha de raciocínio do original de 1991. O estúdio Disney acrescentou novas cenas, permitindo conhecer um pouco mais da história de Bela e a causa da morte de sua mãe, retratando-a como uma inventora não conformada com o padrão estabelecido de que somente os meninos poderiam ler. Tal fato pode ser observado na cena em que Bela está lavando sua roupa e ensinando uma garota a ler. Após algum tempo, a menina está sentada junto a Bela balbuciando palavras de um livro, quando chega o diretor da escola para meninos e questiona Bela: “O que está fazendo? Ensinando outra garota a ler? Uma já não é o bastante?”. Uma moradora que estava por perto, então responde em tom de reprovação: “Temos que fazer alguma coisa!” (*A BELA E A FERA*, 2017, 14min36s à 15min15s). Dessa maneira, alguns moradores da pequena aldeia se juntam e jogam todas as roupas de Bela fora do barril onde estavam e a jovem só encontra o incentivo do padre Robert, que fizera da sacristia da igreja uma pequena biblioteca.

No decorrer do filme, aparece outra cena em que ocorre o diálogo de Bela com a Madame Samovar⁵ que mostra o lado obscuro da Fera e a razão de ser tão egoísta. A protagonista indaga o motivo pelo qual a Madame Samovar se importa tanto com a Fera, assim como os outros moradores do castelo, e não compreende porque a maldição sobreveio sobre a Fera. Então Madame Samovar explica que quando a Fera era apenas um garoto doce e inocente, perdeu sua mãe e ficou sob os cuidados de seu cruel pai. A criança então foi corrompida para que seguisse os passos do pai e tanto Madame, quanto os outros moradores encantados do castelo não fizeram nada para impedir essa maldade (*A BELA E A FERA*, 2017, 1h3min47s a 1h4min17s).

⁵ Antes da maldição era uma pessoa e depois se transforma em um bule, mas percebe-se que mesmo como objeto, organiza o castelo e emite ordens aos demais.

Durante o filme, o pai de Bela não se chama Morris como no original de 1991 e sim Maurice. Há a aparição do primeiro personagem homoafetivo na trama do filme Disney, o LeFou, melhor amigo de Gaston. Pode-se perceber assim que as mudanças que ocorrem na narrativa referem-se à inserção de novos elementos, um aprofundamento da história da mãe de Bela e a causa de sua morte, o motivo da Fera ser egoísta, um maior destaque a personagem Àgata, a feiticeira que amaldiçoou a Fera, além de novos cenários, novas falas, introdução de novos personagens, ou seja, nada que prejudicasse a história real.

Portanto, por meio do *live-action* de A Bela e a Fera de 2017, conforme aponta Leite (2016, p. 37), “[...] o objetivo é transmitir uma mensagem levando em consideração principalmente, o telespectador dos filmes”. Ou seja, a mensagem principal da obra cinematográfica foi transmitida de forma semelhante à original de 1991, contudo, essa nova versão visou um público alvo diferenciado da animação.

Ao focar em um público alvo diversificado, contou com a participação da atriz Emma Watson no papel principal de Bela. A atriz se considera feminista e embaixadora da boa vontade da U.N Women⁶. Assim, houve alteração na constituição da personagem Bela porque sua intérprete queria transformá-la numa princesa mais “real e empoderada”. A atriz Emma Watson, por meio de uma entrevista concedida à revista *Entertainment Weekly*⁷, escrita por Collis (2017), revela que tentaram tornar a princesa Bela mais proativa e um pouco menos levada pela história, tendo maior controle sobre o seu próprio destino. Destaca que já havia assistido a animação A Bela e a Fera de 1991 várias vezes e considerava que a princesa Bela era um modelo de heroína. Por esse motivo, se recusou a usar um espartilho para dar um exemplo saudável as expectadoras (COLLIS, 2017).

Entretanto, as mudanças que há na personagem Bela do *live-action* não estão relacionadas somente à atriz escolhida para interpretar o papel da protagonista, visto que a roteirista Linda Woolverton, da versão original de 1991, comentou que quando foi chamada pelo estúdio Disney para fazer a adaptação, fez questão de que Bela fosse diferente das outras heroínas que havia nos filmes Disney. Linda Woolverton assim argumenta: “Eu saí dos anos 60 e sou feminista e eu não achava que as mulheres deveriam aceitar uma heroína que simplesmente senta e espera um príncipe vir salvá-la” (FEIX, 2017, p. 1).

Nesse contexto, a mudança ocorreu pelo fato da roteirista ser feminista assim como a atriz, e ambas terem a intenção de apresentar uma princesa forte e determinada para seguir seus objetivos. Trata-se de uma nova forma de entender as relações de gênero e papel da mulher na sociedade, os quais mudam ao longo do tempo, sendo portando oportuno refletir sobre gênero com ênfase para o universo feminino.

⁶ No inglês a sigla é UN Women e em português é ONU Mulheres, sendo a entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres.

⁷ Revista dos Estados Unidos da América que publica semanalmente pela Time Inc. sobre filmes, música, produções da Broadway, televisão, cultura popular e livros.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO FEMININO

Conforme Louro (1995), os estudos de gênero surgem com o movimento feministas e outros movimentos sociais durante as décadas de 1960 e 1970, tanto no Brasil como internacionalmente. Caracteriza-se por uma luta específica em que as mulheres passam a se expressar publicamente, tornando-se presenças constantes nas manifestações estudantis, bem como nas lutas políticas, sociais e no movimento operário. Assim, toda organização e empenho garantiram mudanças relacionadas aos estudos das mulheres devido aos movimentos sociais, visto que mesmo elas estando presentes nas produções científicas, suas pesquisas significavam “estudos de minorias” e recebiam pouco destaque. Gradativamente a mulher passou a ser vista como agente social e histórica.

Nesse sentido, Louro (1995) considera que gênero é resultado de uma construção social e histórica dos sexos, que busca acentuar o caráter social das diferenças baseadas no sexo, ou seja, o gênero é construído pela sociedade e busca-se a sua diferenciação por meio do sexo que é biológico. Mais do que uma construção social do gênero, o que predominou foi sua carga conceitual mais densa, por abranger não apenas o social, mas também a natureza, a cultura e o biológico. Portanto, em uma compreensão mais ampla do gênero, Louro (1995, p. 103) enfatiza:

[...] os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero).

É possível perceber que ser homem ou ser mulher numa sociedade é um processo gradual e dinâmico que se constitui com os outros. Esse processo não se dá apenas pelo nascimento e seu sexo biológico, mas é construído mediante as interações estabelecidas no meio social, onde está previsto como deve se comportar os gêneros femininos e masculinos. Assim, gênero deve ser pensado além de uma identidade aprendida e encontra-se presente também nas diversas formas de instituições sociais.

Para Giddens (1993), é por meio da interação seu meio sociocultural que as pessoas se constituem como feminino e masculino, cujo processo é dinâmico, variando de acordo com o contexto histórico e social. Assim, ser mulher no final do século XIX e início do século XX significava pertencer somente ao âmbito da esfera doméstica e as principais virtudes femininas eram entendidas como docilidade, passividade e receptividade em relação aos seus maridos.

Mesmo havendo mudanças sobre a inserção das mulheres na sociedade atual, as quais estão presentes em diversos setores e reivindicam direitos e reconhecimento perante a sociedade, ainda existe a visão estereotipada de mulher submissa e dona do lar. Para Breder

(2013), mesmo no Século XXI, encontra-se no inconsciente coletivo a ideia de que a felicidade feminina está condicionada a encontrar o seu par ideal para então viver “felizes para sempre” após o matrimônio. Ou seja, ainda está arraigado em diversos grupos sociais que as mulheres obterão sua felicidade após unir-se em matrimônio e não por serem ativas e estarem presentes no campo de trabalho e diversos outros seguimentos da sociedade.

METODOLOGIA DA PESQUISA EMPÍRICA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa em que, conforme Godoy (1995), o pesquisador deve ir a campo em busca de “captar” algum fato a partir da visão das pessoas envolvidas. Assim, é necessário considerar todos os pontos de vistas relevantes dos pesquisados, para então compreender a realidade investigada.

A coleta de dados ocorreu no mês de agosto de 2017, com cinco adolescentes do gênero feminino, sendo que uma tinha 13 anos e quatro tinham 15 anos de idade. O critério para a escolha das participantes era ter disponibilidade para contribuir com a pesquisa e ser adolescente do gênero feminino com idade de até 15 anos. Para preservar a identidade das garotas, optou-se pela utilização dos seguintes nomes fictícios:

- **Jim:** tinha com 13 anos e cursava o 6º ano do Ensino Fundamental II no período Matutino;

- **Annie:** tinha 15 anos e cursava o AJA (Aceleração de Jovens Adolescentes), finalizando o 8º e 9º ano no período Noturno;

- **Tini:** tinha 15 anos e frequentava o 9º ano do Ensino Fundamental II no período Matutino;

- **Lola:** tinha 15 anos e frequentava o 1º ano do Ensino Médio no período Matutino;

- **Star:** tinha 15 anos e cursava o 1º ano do Ensino Médio no período Matutino.

Para a coleta de dados, foi combinado antecipadamente com as adolescentes sobre o local (na casa da pesquisadora) e como seria desenvolvida a pesquisa de campo: elas deveriam assistir a dois filmes e emitir suas opiniões sobre as narrativas. Assim, foram selecionados inicialmente dois filmes, nas versões *live-action* dos estúdios Walt Disney, sendo: Cinderela de 2015, que foi passado na segunda-feira à tarde; A Bela e a Fera de 2017, que foi passado na terça-feira à tarde.

Para identificar a opinião das cinco adolescentes sobre ambos os filmes, mais especificamente sobre as princesas protagonistas, foram elaborados três questionários com questões abertas para serem respondidos, individualmente, ao final de cada filme. O primeiro questionário era sobre Cinderela e a sua protagonista Ella; o segundo era sobre A Bela e a Fera e a protagonista Bela; o terceiro questionário estabeleciam relações entre as duas princesas protagonistas, bem como abordava sobre aspectos importantes dos filmes.

De acordo com Severino (2007), o questionário se caracteriza por um conjunto de questões que tem o propósito de levantar informações escritas por parte dos sujeitos pes-

quisados, a fim de conhecer suas opiniões acerca do assunto investigado. As questões devem ser objetivas para não suscitar dúvidas nem respostas ambíguas por parte dos participantes, mas sim trazer respostas objetivas.

Além dos três questionários, foi prevista também a realização de uma roda de conversa, que seria realizada na quarta-feira, para que as cinco adolescentes analisassem os dois filmes, emitindo suas opiniões. Porém, as participantes optaram por realizar a roda de conversa na terça-feira, após o preenchimento dos dois últimos questionários, para que a pesquisa fosse finalizada naquele mesmo dia.

As informações obtidas por meio do preenchimento dos questionários, além da roda de conversa, que foi gravada e posteriormente transcrita, permitiu que se identificassem as representações sociais das cinco adolescentes em relação ao gênero feminino, representado por duas princesas de filmes da Disney. Para Jodelet (2002), as representações sociais são tipos de conhecimentos que influenciam a vida das pessoas. São entendidas a partir de elementos que estão presentes no dia-a-dia e às vezes são notados de maneira isolada, seja através de imagens, elementos informativos, normativos, cognitivos, ideológicos, opiniões, valores, crenças e atitudes. Dessa forma, muitas vezes as opiniões que são expressas e vistas isoladamente, que são ditas em conversas informais, acabam por influenciar as pessoas que fazem parte do seu meio social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões que serão apresentados a seguir foram divididos em três partes para melhor compreensão do tema que foi proposto no presente artigo, com as considerações das cinco garotas participantes. A primeira parte caracteriza-se pela análise somente do filme *Cinderela* em *live-action* que foi lançado em 2015; a segunda etapa representa a análise e considerações das participantes a respeito do filme *A Bela e a Fera* em *live-action* que teve sua estreia em 2017; a última etapa refere-se às relações entre os filmes *Cinderela* e *A Bela e a Fera* com a análise dos questionários e a roda de conversa gravada.

REPRESENTAÇÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE O FILME *CINDERELA* EM *LIVE-ACTION*

Há muitas releituras e adaptações acerca deste clássico conto intitulado de *Cinderela*. Conforme Breder (2013), somente o estúdio Disney produziu quatro filmes, sendo três deles releituras modernas em que a protagonista perde desde seu mp3 a seu celular. A Disney conforme a autora, também reinventa este conto não infringindo os direitos autorais, como ocorreu em 2007 com o filme “*Encantada*” quando foi realizada uma homenagem às princesas clássicas, com a vantagem de usar os figurinos, canções e os mesmos nomes. Assim, foi retratada uma história com o estilo Disney: uma mocinha em apuros que no final da trama encontra seu feliz para sempre ao lado de um príncipe.

Partindo deste fato, e o sucesso eminente que estas produções alcançam, considera-se que *Cinderela* tem um forte conteúdo psíquico e que na atualidade ainda há grande influên-

cia no universo feminino (FRANZ, 1990). Pois, os filmes só são produzidos e lançados de acordo às expectativas da sociedade.

Por este viés, as participantes ao serem indagadas a respeito do que pensam sobre a princesa Ella, do filme Cinderela, e se há algum comportamento que lhes desagrade, disseram: “Uma menina linda, corajosa e, acima de tudo, super gentil” (LOLA). “Linda, simpática, amorosa e educada” (STAR). “Muito legal por ela ter seguido o desejo de sua mãe e ter perdoado, apesar de tudo” (TINI). “Uma menina linda, gentil e corajosa. Linda por fora e por dentro” (ANNIE). A participante Jim responde com apenas uma palavra: “boba”.

Ao comentar sobre algum comportamento da princesa que não agradou, Lola menciona: “Quando ela foi gentil com a madrasta. Se fosse eu seria grossa e má, pagaria com a mesma moeda”. Star menciona: “Nenhum”. Tini diz que “Não, em todas as cenas Ella era bondosa”. Annie cita “Não, porque ela é uma menina muito linda, gentil e corajosa.” E Jim comenta: “Não tem nenhum comportamento porque ela é um amor”.

Lembrando que o filme Cinderela (2015) em *live-action* foi baseado no filme Cinderela de (1950) e a personagem sofreu alterações de acordo a sua nova época de lançamento. Ainda assim, as características que as participantes percebem e realçam na personagem é a sua aparência e gentileza. E quando se refere a algum comportamento negativo de Ella, em sua maioria não o percebem, pois ainda está arraigado no entendimento humano, de que as meninas devem ser carinhosas, delicadas e meigas (LOURO, 1999).

Para Freire Filho (2005, p. 21), “[...] a publicidade, as revistas femininas, o cinema hollywoodiano e a ficção seriada televisiva refletem valores sociais dominantes e denigrem simbolicamente a mulher”, seja por apresentá-la em situações desfavoráveis ou não representá-las em suas produções. Além do mais, efetivam o estereótipo de que as garotas devem ser belas, ter características femininas, isto é, devem ser “[...] sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (GOLDENBERG, 2005, p. 75), permanecendo relacionado ao gênero feminino o estereótipo de beleza e fragilidade.

Por outro lado, ao serem indagadas se gostariam de ser como a princesa Ella, a maioria das meninas negou: “Não, pois não gosto de princesas” (STAR). “Não gostaria porque ela faz tudo para sua madrasta e irmãs” (JIM). “Não, pois não gostaria de ser princesa” (ANNIE). “Não, pois prefiro ser eu mesma, além dela ter perdido os pais que eu não suportaria” (LOLA). Apenas Tini gostaria de ser Ella, pois “[...] queria ter a bondade a coragem e o mais importante à facilidade de perdoar”.

Por este prisma, as garotas participantes não se identificam mais com as características das princesas clássicas, visto que elas eram belas, que causavam inveja em suas madrastas, cantavam docemente, eram amigas dos animais das florestas e, principalmente, eram passivas, sempre a espera de seu valoroso príncipe salvador, que devolveria seu sapatinho de cristal ou a despertaria com um beijo (BREder, 2013). As adolescentes pesquisadas querem ser elas mesmas, como aponta Moran (2012, p. 68), sobre a necessidade de vencer os estereótipos designados as mulheres e então defender o direito de ser “[...] tão livres quanto os homens, por mais loucas, burras, delirantes, malvestidas, gordas, retrógradas, preguiçosas e presunçosas que sejam”. Percebe-se que as meninas não se identificam com a postura passiva, preferindo pensar no que julgam ser melhor para si.

REPRESENTAÇÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE O FILME A BELA E A FERA EM *LIVE-ACTION*

Conforme abordado anteriormente, em março de 2017 houve o lançamento do filme *A Bela e a Fera* em *live-action*, baseado no filme de mesmo título datado do ano de 1991 em animação, que outrora foi retratado conforme o conto de Madame Jeanne-Marie LePrince de Beaumont. Na época desta animação, já estava havendo mudanças relativas ao gênero feminino, visto que, para Hobsbawn (2005), desde a década de 1960 já havia a luta por mudanças no sentido de as mulheres terem direito à vida pública, sendo respeitadas nos diversos seguimentos da sociedade. Assim, as mulheres tentavam se desvincular dos papéis a elas impostos historicamente de apenas serem mães, esposas e donas de casa.

No caso das duas versões do filme *A Bela e a Fera* (1991 e 2017), nota-se a mudança na construção da personagem Bela, que se tornou muito mais ativa e responsável por seu destino. Nesse contexto, as cinco adolescentes que participaram da pesquisa comentaram o que pensavam sobre a Bela da versão *live-action*. “Ela é linda, gostei muito do gênero dela porque é forte e não tem medo de nada” (ANNIE). “Linda, uma boa pessoa e tem um coração de ouro” (JIM). “Uma menina determinada, corajosa, solidária, sábia, inteligente, digna do título de princesa e, como o próprio nome diz, muito Bela” (STAR). “Muito legal, pois ela era uma garota diferente, independente, que não procurava por um príncipe encantado e sim por um amor diferente” (TINI). “Ela é bondosa, tinha um coração muito bom, ela é muito corajosa, e uma pessoa linda por dentro e por fora” (LOLA).

Percebe-se assim que as características destacada pelas participantes referem-se à força, determinação, coragem, ser destemida e ser diferente das outras. Segundo Breder (2013), com as alterações que há no mundo, as princesas clássicas não atrairiam mais o público, podendo ser este um dos motivos pelos quais ocorreram mudanças na personagem Bela, que se tornou protagonista de sua própria história. Além do mais, nos últimos anos ocorreram mudanças sociais significativas que favoreceram ao gênero feminino, visto que “[...] no século XXI, ser uma mulher que deseja fazer algo não é difícil. Em qualquer outra época mulheres ocidentais que causam agitação por mudanças correriam risco de ser presas, renegadas pela sociedade, estupradas e mortas” (MORAN, 2012, p. 217).

As participantes da pesquisa também comentaram sobre o comportamento da princesa Bela que mais lhes chamou a atenção, sendo mencionado por Annie que “[...] gostei do comportamento dela, do início ao fim, mas o principal foi quando ela trocou de lugar com seu pai para salvá-lo”. Tini considera “[...] o filme encantador do começo ao fim” destacando a cena “[...] quando ela volta para ajudá-lo, depois de ser presa com seu pai”. Já a Star diz que “[...] gostei muito do jeito dela, me identifiquei muito” e o que lhe cativou ao longo do filme foi “Quando ela teve a oportunidade de fugir, mas mesmo assim, escolheu ajudar a fera e cuidar dele e se importou com a situação de todos no castelo”. Entretanto, Jim aponta que o comportamento que não lhe agradou “[...] foi a hora que ela tentou fugir, essa eu não gostei”, em seguida afirma que a cena que lhe agradou foi “Quando a fera foi mordida e a Bela cuidou dele e não fugiu”.

A atitude relativa ao cuidado foi citada por algumas adolescentes, reafirmando que as produções cinematográficas da Disney reforçam o estereótipo de que às mulheres cabe o cuidado, a afetividade e a gentileza. Entretanto, pode ser verificado que a nova versão *live-action* de A Bela e a Fera apresenta uma princesa ativa, capaz de se sacrificar por amor, salvar o seu amado com um beijo, deixando de ser a mocinha indefesa à espera do príncipe encantado, como ocorre com as princesas de A Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela, entre outras. Todas essas outras princesas mencionadas, com exceção da protagonista de A Bela e A Fera, reforçam o estereótipo de que aos homens cabem a coragem, o sacrifício e o título de herói. Trata-se de uma forma de construção social, conforme aponta Muraro (1995, p. 83):

Aos poucos, essa dominação masculina histórica foi moldando a identidade feminina. As meninas sendo educadas para uma extrema castidade e vergonha ao corpo, e treinadas nos trabalhos domésticos, enquanto os meninos, desde cedo, são adestrados para a iniciativa, a coragem e a virilidade, a guerra e a independência.

Ou seja, a dominação masculina é frequente e permanece propiciando a distinção entre o feminino e o masculino refletido no cinema, nos dispositivos móveis e pela televisão. Podendo ser verificado por meio do que consideram a respeito do filme. Sendo destacado por Tini “Legal, pois o filme era sobre diferentes personagens que acabam se amando, mesmo ele sendo um bicho feio e ela a garota mais bonita da vila”. Lola menciona “A achei interessante porque nos faz refletir, e nos faz ver que beleza não é tudo, que o que vale é o caráter, e que as pessoas gostam muito de julgar umas as outras”. E as demais participantes Annie, Star e Jim retratam que o filme é legal de assistir.

É possível refletir por meio de suas falas que o romance é evidenciado, responsabilizando a Bela o esquecimento de si mesma e amando a Fera sem lhe importar a sua aparência. Para Navarro-Swain (2006), existe socialmente as representações de que as mulheres devem ser amáveis, dóceis, devotadas, amantes, estando dispostas a se sacrificar por amor. Independente de suas vontades, o amor é sinônimo da característica feminina.

CINDERELA X A BELA E A FERA: REPRESENTAÇÕES DAS ADOLESCENTES PESQUISADAS

Nesta etapa do trabalho optou-se por fazer a análise do questionário que envolvia a comparação entre os dois filmes simultaneamente em analogia com a entrevista semiestruturada, realizada em forma de roda de conversa com as participantes.

Mediante ao cinema, pode-se obter uma maior compreensão da vida por meio da observação fílmica a relação com as próprias vivências ou experiências por intermédio do cinema (TURNER, 1997). Dessa maneira, pode haver a evidenciação por intermédio dos argumentos das participantes a respeito de qual filme mais lhe agradou e consecutivamente a princesa que gostaria de ser.

Tini menciona que “Não teria um (filme) preferido, pois, os dois têm perspectivas diferentes. A Bela e a Fera: Bela não procurava um príncipe e sim um amor diferente. Já Cinderela (era), bondosa gentil e tinha facilidade em perdoar.” Ao prosseguir, expõe que “Bela, me cativou por ser forte e independente. Mas gostaria de ser Ella pela sua facilidade em perdoar e eu acho que foi a coisa mais fá..., mais assim... é cativante dela. Como ela tinha facilidade em perdoar.” Lola relata que gostou mais do filme “A Bela e a Fera, porque ela amou a fera do jeito que ele era sem beleza, e não se importou com o conteúdo”. Contudo, sua preferência seria a personagem “Ella, pois apesar de todas as dificuldades que ela passava, sempre era forte apesar da dor que sentia de ter perdido os pais”. Star diz que o filme que mais lhe agradou foi “A Bela e a Fera, sei lá o jeito dela me identifiquei mais, e também algumas partes serve como exemplo para algumas pessoas que acham que beleza é tudo”, entretanto, em relação a ser alguma das princesas comenta que não gostaria de ser “Nenhuma delas”. E a Annie partilha da mesma opinião no que tange a escolha de ser alguma das personagens e afirma “Nenhuma. Pois não gostaria de ser uma princesa” dizendo que as duas histórias lhe satisfizeram. Para Jim, o que mais gostou foi de “A Bela e a Fera” e gostaria de ser a “[...] Bela porque não gostaria de fazer tudo para as irmãs”.

Nota-se que o filme A Bela e a Fera foi apontado como a narrativa mais cativante por todas as participantes, todavia quando diz respeito a escolherem uma das princesas que apreciaria ser, apenas Jim destaca a Bela; já Tini e Lola prefere a Ella, levando em consideração sua força diante as adversidades enfrentadas no decorrer do filme respectivamente como: a perda de seus pais e sua facilidade em perdoar.

A mera percepção das pessoas e do fundo, da profundidade e do movimento, fornece apenas o material de base. A cena que desperta o interesse certamente transcende a simples impressão de objetos distantes e em movimento. Devemos acompanhar as cenas que vemos com cabeça cheia de ideias. Elas devem ter significado, receber subsídios da imaginação, despertar vestígios de experiências anteriores, mobilizar sentimentos e emoções, ativar a sugestibilidade, gerar idéias e pensamentos, aliar-se mentalmente à continuidade da trama e conduzir permanentemente a atenção para a um elemento importante e essencial – a ação (MUNSTERBERG, 1983, p. 27).

Compreende-se, dessa maneira, que a cena e os motivos que as levaram a escolha das personagens é devido à identificação com as ideias que lhes vieram à mente durante o filme do início ao fim. Houve a evocação de sentimentos, emoções significados internos e despertou as experiências que outrora foram vividas, possibilitando assim a disposição de receber informações e ser por elas influenciadas.

Por este motivo, como seria a imagem de seus príncipes encantados já que as produções cinematográficas podem influir em seus padrões? Lola cita “Imagino moreno dos olhos azuis, que seja bom e que não ligue nunca para os que falam mal”, contudo na roda da entrevista ela mencionou como “Alto, loiro do olho azul, musculoso, rico [risos]”. Annie menciona que “Imagino um homem lindo, dos olhos azuis, cabelo louro, alto musculoso, gentil e bondoso, Rico” ao prosseguir, na entrevista diz “[...] com uma Ferrari. Que as por-

tas abre tá, pelo amor de Deus. Não quero com cavalo branco não.” Tini cita “[...] eu imagino meu príncipe corajoso, trabalhador e que queira ser feliz mesmo não sendo milionário”, salientando na entrevista que o príncipe “[...] seja trabalhador e que queira conquistar tudo o que tenha”. Há o deboche de Annie e a constatação de Jim a respeito da fala de Tini observando ser “Meio difícil hoje ter isso” mencionando como o seu ideal “[...] olhos verdes, cabelo loiro, com tanquinho”.

Explicitando-se dessa maneira que há influência das mídias com relação ao ideal do “príncipe” esperado, importando sua aparência e condição socioeconômica. Para Moraes (2000, p. 21), historicamente as mulheres almejavam que os homens fossem considerados bons partidos “[...] que mostrasse promissoras chances de ascender materialmente e assegurasse o futuro da esposa e filhos”. Observa-se que as cinco participantes da pesquisa continuam reproduzindo o mesmo comportamento de uma época em que as mulheres não tinham autonomia e dependiam dos homens para suprir suas necessidades afetivas e financeiras.

Entretanto, por mais que seus argumentos sejam de um amor voltado ao interesse financeiro de seu príncipe encantado, de sua dependência econômica e afetiva em relação a ele, há a divergência sobre a representação do feminino no tocante às características das protagonistas apresentadas pelo filme. Nota-se que as adolescentes percebem as modificações e ressaltam que o gênero feminino é independente, como salienta Tini “[...] as mulheres estão mais independentes e corajosas”; Jim cita “[...] quando a Bela cuida da Fera e não foge”; as participantes Annie e Lola pontuam respectivamente “[...] A coragem, a gentileza e o amor pelos seus pais” e “[...] a bondade, caráter, coragem e ‘gentilidade’ (gentileza)”.

Pode-se notar que as características positivas nas mulheres protagonistas destacadas é a percepção de que o gênero feminino está mais corajoso e independente, porém, ainda relacionam o cuidado com o outro, a bondade e a gentileza. Conforme salienta Scott (1995), em relação às mulheres há o estereótipo de que são dóceis, afetivas e relacionais. Todavia, nota-se que há o pensamento de que as mulheres em pleno século XXI podem ir a lugares que em outros séculos não se era imaginado chegar e que têm maiores condições de lutar pelas mudanças, devido aos avanços relacionados ao gênero feminino que estão ocorrendo na sociedade (MORAN, 2012).

Partindo desta perspectiva, entende-se que o pensamento de uma determinada época influencia na formação da identidade, podendo ser visto nas narrativas filmicas apresentadas e assim nas representações que se há. Os contos revelam este pensamento, porque tanto a história quanto os personagens surgiram de um determinado momento histórico e é fruto da imaginação (AGUIAR; BARROS, 2015).

Compreende-se, dessa forma, que a perspectiva imaginária presente nas histórias exerce influência de acordo a sua época realizada e mediante o envolvimento pessoal de cada um com o enredo da história. Portanto, teve uma questão onde abordava sobre a vontade de se ter uma festa temática de princesas. Lola cita “Não, porque eu não acredito em fadas. Mas gosto dos filmes de princesas, às vezes é bom sair da realidade”; Star menciona “Não. Porque é muito gay”; a Tini diz “Não, acho que já não tenho mais idade para uma festa temática de princesa”; a Jim relata que “Gostaria de ter por aí, sei lá”, contudo, em

seguida comenta “Não gostaria de ter porque não tenho mais idade para estas festas”. E a última participante Annie cita “Não. Porque não vejo muita graça, em minha opinião é para meninas mais novinhas”. Porém, na entrevista diz que queria ter uma festa “[...] tudo preto. Nossa... (com ar sonhador)”, sendo referido por Tini que esta cor também está relacionada a uma festa “temática”, prosseguindo que “Quase toda... conto tem uma bruxa”. Annie ao analisar a fala de Tini e por compreender que a cor preta está relacionada à Bruxa, logo muda de ideia e diz “Então não quero não”.

É possível inferir, mediante o relato das participantes, que por mais que tenha havido esforços para tentar “modernizar” a ação ou participação da mulher em filmes, essas histórias não se aproximam das vivências das adolescentes, tanto que a Jim sugere que seja mais adequado para as “meninas mais novinhas”. Contudo, ela gostaria de ter uma festa temática que fosse “tudo preto”.

Por meio da relação da cor preta estar associada à bruxa, há a negação em se ter uma festa com esta cor, segundo aponta Breder (2013, p. 56), “A infância das meninas está se tornando monocromática”, pois as cores relacionadas ao gênero feminino é o predominante rosa e antigamente não se tinha a divisão de cores entre os gêneros. A cor rosa era considerada masculina pela sua aproximação com o vermelho. E o azul simbolizava a feminilidade, pois estava correlacionada à Virgem Maria (ORENSTEIN, 2012). Por este viés, a cor preta, a cor vermelha, por vezes, e o roxo, sobram para os vilões (BREDER, 2013). As cores rosa e azul têm sido usadas recorrentemente pelos estúdios Disney para a coloração das vestimentas das princesas, porque “Embora culturalmente a cor rosa seja atribuída às meninas, a cor azul está bastante presente nos filmes e nos produtos das princesas, por ser uma das cores tradicionalmente nobres. O azul simboliza o que é tido como celestial, superior, elevado”. (CECHIN, 2014, p. 138).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em visto o objetivo previsto para este estudo, com o desenvolvimento da pesquisa foi apresentado brevemente sobre o estúdio Walt Disney, o seu confiante idealizador, os seus gigantes parques temáticos e como a eminente falência deu-lhe inspiração para arrecadar milhões de dólares com o filme Cinderela (1950), baseado na ideia de outro filme em animação A Branca de Neve e os sete anões (1937), que lhe salvou da falência. Nota-se alterações no enredo, cenas e falas do filme em animação de Cinderela (1950) em contraste com Cinderela (2015), contudo, nada que afaste a essência fílmica do século XX com a do Século XXI, podendo ser observada as mudanças para uma adequação atual da sociedade, mesmo que não seja atendida totalmente. A Bela e a Fera de 1991, seguindo o mesmo viés, tem muitas semelhanças com A Bela e a Fera de 2017, há modificações na constituição dos personagens, inserção de cenas que não existiam, novos musicais e a permanência da intenção do conteúdo original. Todavia, ressalta-se a personagem título do filme: Bela, que tem mais autonomia, liberdade de decisão e maior destaque. Entretanto, ambas as protagonistas Ella e Bela, terminam com seus respectivos príncipes e seus “felizes para sempre”.

É possível perceber que houve avanço na caracterização da personagem Bela, que conquista, luta pelo por seus ideais, sendo destemida e obstinada em relação ao que deseja, mas ainda há fragmentos acerca a construção dos gêneros, sendo reforçadas características atribuídas às mulheres. Além do mais, as produções cinematográficas em geral são construídas a partir da ótica masculina, que realiza tais produções, ou por vezes, pelas próprias mulheres que escrevem e dirigem os filmes, mas que reproduzem os estereótipos de gênero existentes na sociedade.

Nesse sentido, mediante a realização da pesquisa de campo, torna-se perceptível que as cinco adolescentes destacam que são características femininas importantes: a bondade, a gentileza, a beleza, o cuidado em relação aos outros, etc. Porém, as participantes da pesquisa associam a coragem nas personagens protagonistas de maneira divergente, por destacar como positiva a determinação da princesa Bela, havendo inclusive a preferência unânime pelo filme *A Bela e a Fera*. No entanto, a maioria das adolescentes se identifica mais com a princesa Ella, do filme *Cinderela*, devido às características da princesa, como a coragem diante das dificuldades relacionadas à perda dos pais, a gentileza e facilidade em perdoar, entre outras.

Em relação às festas temáticas com as princesas Disney, as cinco adolescentes evidenciam que não mais lhes agrada devido à idade, por entender que são festas para crianças. Porém, o modelo tradicional de príncipe se mantém presente na concepção das adolescentes, que continuam idealizando o homem provedor, rico e bonito.

Conclui-se que houve uma importante modificação no que se refere às representações do gênero feminino nos filmes de princesas da Disney, mas ainda se reforça muitos estereótipos como a bondade, a gentileza, a juventude, a magreza, a beleza, o “final feliz” com o príncipe, etc. Tais estereótipos exercem influência na formação das novas gerações, como é o caso das cinco adolescentes pesquisadas, que sonham com o príncipe e se identificam com as características das princesas, as quais historicamente foram associadas ao gênero feminino.

REFERÊNCIAS

A BELA E A FERA (**Beauty And The Beast**). Direção de Bill Condon. Produção de David Hoberman e Todd Lieberman. Walt Disney Pictures, 129 min, 2017.

A BELA E A FERA (**Beauty and the Beast**). Direção de Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção de Don Hahn. Walt Disney Pictures, 1991. 84 min, 1991.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

AGUIAR, E. L. C.; BARROS, M. K. **A representação Feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney**: a ressignificação do papel social da mulher. 2015. XVII

Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...**, Natal RN, Intercom, 2015, p. 1-15.

ASHTON, M. S. Parques temáticos. **Famecos**. Porto Alegre. v. 24, n. 11, p. 68-74, dez. 1999.

BAPTISTA, E. S. O uso da contação de histórias no atendimento psicopedagógico. **Diálogos Interdisciplinares**, Mogi das Cruzes, v. 6, n. 2, 1-12, 2017.

BASTOS, R. R. Literatura infantil: uma leitura da história. **Sentidos da Cultura**, Pará, v. 2, n. 2, p. 1-16, jan./jun., 2015.

BAUDRILLARD, J. **Tela Total**. Mito – ironias da era do virtual e da imagem. Sulina, Porto Alegre, 1997.

BREDER, F. C. **Feminismo e príncipes encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Rio de Janeiro, 2013. 74 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2013.

BUNN, D. Da história oral ao livro infantil. **Estação Literária**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 50-57, 2008.

CABELLO, A. R. G. **A adaptação literária em programa radiofônico**. 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9eee5550f74c252bb096b1abed7dc1a7.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2018.

CAMPOS, A. C.; LOSANO, C. C. B.. **Apropriações do conto “A Bela e a Fera” pela indústria cultural**. 2015. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/anaisbarbacena/article/viewFile/816/523>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CARETTIN, C.. **A história de Walt Disney**. 2013. Disponível em: <http://lounge.obviou-smag.org/das_artes/2013/07/a-historia-de-walt-disney.html>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CECHIN, M. B. C. O que se aprende com as princesas da Disney? **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 1, n. 29 p.131-147, jan./jul., 2014.

CINDERELA (**Cinderella**). Direção de Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção de Walt Disney. Walt Disney Productions, 74 min., 1950.

CINDERELA (**Cinderella**). Direção de Kenneth Branagh. Produção de Allison Shearmum, David Barron e Simon Kinberg. Walt Disney Pictures, 105 min, 2015.

COLLIS, C. **Beauty and the Beast: Emma Watson on playing a more ‘proactive’ Belle.** 2017. Disponível em: <<http://ew.com/article/2016/11/04/beauty-and-beast-emma-watson-belle/>>. Acesso em: 27 de jul. de 2018.

COTRIM, M. A. P. Cinderela: Indumentária, contos de fada e a construção da identidade. **Achiote**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2015.

DELALLO, J. **Cinderela e Shrek: Semelhanças e Diferenças.** 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2267-6.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FEIX, G. **8 fatos sobre “A Bela e a Fera” que você não conhecia.** Publicado em 17 mar. 2017. Disponível em <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/curiosidades-bela-e-a-fera-disney-desenho-filme/>>. Acesso em: 28 de jul. de 2018.

FRANZ, M. V. **A interpretação dos contos de fada.** 3.ed. Tradução: Maria ElciSpaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Revista **Famecos**, Porto Alegre, v. 12, n.28, p. 18-29, dez. 2005.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GIROUX, H. A. A disneyizacao da cultura infantil. In: SILVA, T. T. (Org.) **Territórios contestados:** os currículos e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis. Vozes 2001, p. 49 – 158.

GODOY, A. S.. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995.

GOLDENBERG, M. **De perto ninguém é normal:** Estudos sobre o corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HIRANO, L. F. K. O olhar oposicional e a forma segregada: raça, gênero, sexualidade e corpo na cinematografia hollywoodiana e brasileira (1930-1950). **Aceno**, v. 2, n. 3. 2015.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos – o breve século XX:** 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

LEITE, F. F. S. **Uma princesa, três histórias**: a tradução intersemiótica da Cinderela nas adaptações da Disney. Campina Grande, 2016.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p.101-132, jul/dez. 1995.

MONTEIRO, C; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. **Revista Feminismos**. v: 2, nº 3, p. 36-44. 2014.

MORAES, N. M. **Fica comigo para o café da manhã**: o mito amoroso e a mulher contemporânea. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

MORAN, C. **Como ser mulher**: um divertido manifesto feminino. São Paulo: Editora Paralela, 2012.

MUNSTERBERG, H. A atenção. In: XAVIER, II. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, p. 25- 54, 1983.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

NAVARRO-SWAIN, T. **Entre a vida e a morte, o sexo**. 2006. Disponível em: <http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf>. Acesso em: 12 de out de 2018.

NETO, R. D. T. **A generosidade e a maldade em “Cinderella” (2015)**: um novo olhar através do conto de fadas na versão da Disney. 2015. Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2015/04/06/a-generosidade-e-a-maldade-em-cinderella-2015-um-novo-olhar-atraves-do-conto-de-fadas-na-versao-da-disney/>> Acesso em: 29 jul. 2018.

ORENSTEIN, P. **Cinderella ate my daughter**. Nova York, Estados Unidos; Harper Collins Publishers, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sexualidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

YAHR, E. **Lily James had dyed her hair. Later, the rising star landed the lead in ‘Cinderella.’**. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/entertainment/lily-james-had-dyed-her-hair-later-the-rising-star-landed-the-lead-in-cinderella/2014/12/26/e5f6c742-89ae-11e4-a085-34e9b9f09a58_story.html?utm_term=.643dfbeb2bd3>. Acesso em: 26 de jul. 2018.

YAHR, E. **Yes, wearing that Cinderella dress ‘was like torture’ for star Lily James**. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/arts-and-entertainment/wp/2015/03/16/yes-wearing-that-cinderella-dress-was-like-torture-for-star-lily-james/?utm_term=.fca339ce2cb8>. Acesso em: 26 de jul. de 2018.

DADOS DAS AUTORAS:

VERÔNICA CAROLINE DE MATOS FERREIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí. Mato Grosso do Sul/MS – Brasil. veronicacarolineferrero@gmail.com

JOSIANE PERES GONÇALVES

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/RS – Brasil, Professora Permanente dos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Pantanal/MS - Brasil e da Faculdade de Educação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/MS - Brasil. josianeperes7@hotmail.com

Submetido em: 24-10-2018

Aceito em: 26-6-2019